

+ (&) ×

fanzine

44

Wim Wenders



Uma vez

vivi em San Francisco
enquanto trabalhava num filme
sobre Dashiell Hammett.

O meu escritório semi-circular
ficava no terceiro andar de um edifício estreito
na esquina da Kearney com a Columbus.
Graças à estrutura em ferro fundido
resistira ao terramoto e ao fogo da cidade.

Nesse tempo, a minha vida girava à volta de Hammett.
Numa pequena cidade no Oeste
dei com uma Rua Hammett
com uma Padaria Hammett
com um relógio Hammett

que o padeiro não vendia nem por amor nem por dinheiro.

*

Luis Alberto de Cuenca, 4 respostas, 7 haikus

Com os anos, perde-se o medo da página em branco?

Com os anos perdem-se muitas coisas, mas nunca esse medo, que é fundamental para a criação.

Do impulso criador, da primeira versão à definitiva, há muito trabalho de correcção?

É inevitável. Todo o livro de versos resulta de trabalho e insónias. Larmartine gabava-se de ter escrito de jacto um poema seu sobre a noite; quando morreu, encontraram-se num caixote mil e um esboços do poema.

Sonetos, haikus, seguidilhas, verso livre... A poesia é poder jogar com com baralhos muito diferentes?

Com vários baralhos e, se possível, com as cartas viciadas, para se ter vantagem e obter um resultado satisfatório. Só que se leva uma vida inteira para as viciar.

Irão as novas tecnologias acabar com a poesia cantada à roda da fogueira da tribo?

De forma nenhuma! Pelo contrário. Graças às novas tecnologias, essas fogueiras espalhar-se-ão por todo o lado. Ninguém pára a poesia.

(Roubado de <http://www.abc.es/20100714/cultura-libros/luis-alberto-cuenca-libro-20100714.html>)

Luis Alberto de Cuenca, poeta espanhol, ganhou o Prémio Nacional de Poesia 2015 pelo seu livro *Cuaderno de vacaciones*.

◇

Resina fóssil

Como o âmbar
brilhava com o fogo
do teu sorriso.

◇

Ulisses

Amarrado ao mastro.

As garras afiadas
das Sereias.

◇

Rumor de mel

Rumor de abelhas
no mel dos teus olhos
quando me olhas.

◇

O herói

Viveu. Morreu.
Soube ser todos e ninguém
ao mesmo tempo.

◇

O terceiro homem

Abro a porta.
Descubro que não há ninguém
dentro nem fora.

◇

Oriental

Dá-me a tua magia,
o tapete voador
das tuas palavras.

◇

Já não desenhas
nos muros da alvorada
luas e sóis.

(Tradução de fjc²)

*

Que vidinha

Mãe e filha em férias na praia. À sombra de uma árvore, sentadas na grama, duas bolas de sorvete para cada uma.

- Que vidinha mais ou menos a nossa, hein, mãe!

A loira

- Casei com uma sueca. Bem que a minha mãe disse: Moça loira? De olho azul? Não é para você, meu filho. Seis meses fomos felizes. Uma noite chego em casa. E a minha loira: Até ontem, eu te amei. Hoje, não mais. Adeus. Já de malinha no corredor. O que eu podia fazer?

- ...

- Só matar. E foi o que eu fiz.

A outra

A mulher separada:

- Eu fiquei sem nada. E ele, o bandido?

- ...

- Muito feliz com a outra, o fusca e o celular.

Dalton Trevisan, Histórias do livro “Arara Bêbada”

*



David Hockney e William Burroughs por Allen Ginsberg

&



Louise Bourgeois por Abe Frajndlich

*

O melão

Era um melão acabado de colher
Tão maduro que a faca sorvia com ruído
Ao cortá-lo em seis talhadas.
Os miúdos iam voltar para a escola.
A mãe, distribuindo pratos de papel,
Já não iria ver as folhas caírem.

Lembro-me de um zangão, também, que entrou
Pela janela aberta
Doido para provar o fruto doce
Enquanto nós nos baixávamos e gritávamos,
Cobríamos as cabeças e as caras
E nos sentámos a rir
Quando se foi embora.

Charles Simic (por fjc²)

*

Dente de leão

Natureza morta

Coisas concretas e sólidas
que se deixam agarrar,
mais pesadas (muito embora
menos reais) do que o ar,

que deixam marcas ou mossas
no frágil papel da pele
se por acaso uma força
(interna ou externa) as impele

contra ele, como faz
a ponta de uma caneta
ou lápis, ou algo mais
aguçado, que prometa

um líquido menos leve
que tinta, mas que permite
escrita mais indelével
do que o volúvel grafite —

coisas, porém, que, deixadas
no estado de natureza
contentam-se em dormir
inertes sobre esta mesa.

Paulo Henriques Britto

Dente de leão será uma pequena secção preenchida com colaboração solicitada a amigos do *Fanzine*.

*

Linha editorial

Não haverá artigos de fundo. A colaboração pedir-se e aceitar-se-á mas, na sua quase totalidade, será roubada descaradamente. Procurar-se-á alguma responsabilidade na atribuição de autorias, locais do crime etc. Os temas serão múltiplos e nada coerentes. 4 páginas, o que vier a mais será bónus. Terrível aspecto gráfico. A orientação editorial poderá sofrer alterações inexplicáveis. Saída irregular.

O fanzine não será distribuído em saco de plástico.

*

faneditores: francisco José craveiro de carvalho, em fjcc@mat.uc.pt, &
joana costa, em joana.x@gmail.com.

*

Floco de neve



Pomar